

Sexualidade e violência nas relações homossexuais masculinas no interior do Amazonas

Daniel Cerdeira de Souza

Daniel Cerdeira de Souza

Universidade Federal do Amazonas – Benjamin
Constant, AM, Brasil

E-mail: dancerdeira01@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2446-8244>

Resumo: O objetivo do estudo foi compreender os significados da violência entre parceiros íntimos (VPI) para um grupo de homens gays/bissexuais no município de Tabatinga, interior do Amazonas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que cinco homens gays e um bissexual foram submetidos a uma entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados mediante o procedimento de Análise de Conteúdo e possibilitaram a construção de quatro categorias: 1) Relação de poder, controle e masculinidades; 2) Violência sexual e masculinidades; 3) Ciúmes VPI; 4) Infidelidade e VPI. Todas as situações de VPI descritas foram sustentadas por intensas e complexas relações de poder, envolvendo o gênero, a classe social e a orientação sexual. Por fim, a VPI nas relações homossexuais é um tema complexo que merece atenção específica das políticas públicas.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo; violência nas relações homossexuais; homem gay; homem bissexual; masculinidades.

Sexuality and violence in male homosexual relationships in the interior of Amazonas

Abstract: The aim of this study was to understand the meanings of intimate partner violence (IPV) for a group of gay/bisexual men in the municipality of Tabatinga, in the interior of Amazonas. This is a qualitative study in which five gay men and one bisexual man were interviewed through a semi-structured script. The data were analyzed using Content Analysis, which allowed for the construction of four categories: (1) Power relations, control, and masculinities; (2) Sexual violence and masculinities; (3) Jealousy and IPV; (4) Infidelity and IPV. All described IPV situations were supported by intense and complex power relations involving gender, social class, and sexual orientation. Finally, IPV in homosexual relationships is a complex issue that deserves specific attention from public policies.

Keywords: Intimate partner violence; violence in homosexual relationships; gay man; bisexual man; masculinities.

Sexualidad y violencia en las relaciones homosexuales masculinas en el interior del Amazonas

Resumen: El objetivo del estudio fue comprender los significados de la violencia entre parejas íntimas (VPI) para un grupo de hombres gays/bisexuales del municipio de Tabatinga, en el interior del Amazonas. Se trata de una investigación cualitativa en la que cinco hombres gays y un hombre bisexual fueron entrevistados mediante un guion semiestructurado. Los datos fueron analizados mediante el procedimiento de Análisis de Contenido y permitieron la construcción de cuatro categorías: (1) Relación de poder, control y masculinidades; (2) Violencia sexual y masculinidades; (3) Celos y VPI; (4) Infidelidad y VPI. Todas las situaciones de VPI descritas se sustentaron en relaciones de poder intensas y complejas, que involucraban género, clase social y orientación sexual. Finalmente, la VPI en las relaciones homosexuales es un tema complejo que merece atención específica por parte de las políticas públicas.

Palabras clave: Violencia de pareja íntima; violencia en las relaciones homosexuales; hombre gay; hombre bisexual; masculinidades.

Introdução

A violência entre parceiros íntimos (VPI) é classificada, internacionalmente, como um grave problema social e histórico. Sendo compreendida como atos de violência que causem danos, em qualquer esfera da vida, em um sujeito, no contexto de uma relação íntima atual ou passada, independente da configuração da relação, ou de haver, ou não, coabitação entre os sujeitos (Souza, 2022). Reconhece-se, ainda, que o estudo desse tema seja negligenciado quando se trata de relações homossexuais, sendo focado na experiência de mulheres heterossexuais cisgêneras¹, a partir de um olhar reducionista, que considera homens unicamente como agressores e mulheres unicamente como vítimas (Santos; Caridade, 2017) e, conseqüentemente, estudos sobre a experiência de VPI de pessoas não heterossexuais são comparativamente menores, principalmente na literatura brasileira, deixando uma lacuna de compreensão sobre os fatores, os contextos e as dinâmicas desse fenômeno (Souza; Honorato, 2020). Diante disso, objetivei compreender os significados da VPI para um grupo de homens gays/bissexuais no interior do Amazonas, tendo em vista que significados são concepções sociais e históricas compartilhadas por um grupo (Souza; Silva, 2022).

A compreensão das masculinidades neste estudo se dá a partir da ótica de gênero defendida por Butler (2003). A estudiosa explica que o gênero não é, o gênero se faz e é ele que constrói a noção binária dos corpos como os conhecemos, dando um tom de naturalidade à biologia, como se ela estivesse estritamente ligada à heterossexualidade. Antes, é o gênero que faz a biologia e o sexo biológico como o conhecemos. Esse movimento se dá por meio da performatividade, que consiste em atos de repetição, em âmbito cultural, de atos, gestos e signos que reforçam a construção de corpos masculinos e femininos como os vemos, ou seja, é a partir da performatividade que nos tornamos sujeitos.

Em relação aos estudos das masculinidades, resgato Connell e Messerschmidt (2013), que explicam a existência de uma masculinidade padrão, que estende sua influência por todo o tecido social, a qual os autores denominaram “masculinidade hegemônica”. Ela é entendida como um conjunto de práticas que possibilita a dominação de homens na sociedade, sendo normativa e considerada a forma mais honrada de ser homem e que, muitas vezes, subordina outras masculinidades. Cabe destacar que ela envolve não somente o gênero, como também inclui aspectos de raça e de classe – aspectos esses como a branquitude e a classe rica –; entretanto, somente uma pequena parte dos homens consegue efetivamente alcançá-la, e mesmo que a alcance, seu exercício sempre se dá por pouco tempo, pois os padrões normativos mudam constantemente.

Em outro estudo clássico, Connell (1995) explica que, para além da masculinidade hegemônica, existem outros tipos de masculinidades estruturadas nas relações sociais, como a “masculinidade subordinada”, que diz respeito à subordinação entre grupos de homens (como a subordinação de homens homossexuais a homens heterossexuais como algo que deva ocorrer normalmente); a “masculinidade cúmplice”, em que homens que não atendem aos padrões normativos de masculinidade desfrutam de

¹ A cisgeneridade se refere à compreensão de pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento, mas, não somente isso, o conceito é usado para analisar como normas de gênero funcionam para naturalizar ideias de sexo fixo e verdadeiro (Hining; Toneli, 2023).

privilégios advindos da masculinidade hegemônica, sem defender publicamente esse projeto de gênero e a “masculinidade marginalizada”, que se refere às relações de gênero, de classe e de grupos étnicos dominantes e dominados, por exemplo, as masculinidades indígenas de uma região como a do interior do Amazonas, marginalizadas por sua condição étnica, social e pela colonialidade.

Localizando minha posição sobre, considero as masculinidades como contextuais, flexíveis, históricas e em constante produção. Defendo ainda que não se pode falar de um único modelo de ser homem, antes, concordando com Kimmel (1998), considero ser possível a produção e a convivência de várias masculinidades ao mesmo tempo – diferentes, inclusive, daquelas citadas por Connell (1995) e Connell e Messerschmidt (2013).

Já a VPI nas relações homossexuais masculinas está ligada a complexidades únicas da experiência de ser um homem com práticas sexuais não heterossexuais. Uma das principais bases teóricas que dá suporte à compreensão da VPI nas relações homossexuais é a defendida por Meyer (2003). O autor explica que minorias sexuais, por serem marginalizadas, vivenciam, em seu percurso de desenvolvimento, uma carga de estresse muito maior que pessoas heterossexuais; aliam-se a isso estressores únicos associados à sua condição minoritária. O estresse teria reflexo na intimidade de tais sujeitos, gerando a VPI. Além disso, é preciso observar a complexidade envolvida no fenômeno, a fim de desvelar como os fatores sociais e históricos, como gênero, raça, classe e outras categorias sociais produtoras de subjetividade, influenciam na produção do estresse de minorias e, conseqüentemente, na VPI.

Quando se pensa em prevalência da VPI nas relações homossexuais masculinas, observamos uma prevalência variada. A pesquisa de Santos e Caridade (2017) teve pouco menos de 24% dos participantes do gênero masculino e as autoras observaram que a violência sexual perpetrada e vitimada (por meio da coerção para se ter relações), a violência psicológica e a violência física foram as mais presentes nas relações entre homens. O estudo de Walsh, Sullivan e Stephenson (2022) investigou as taxas de VPI entre homens gays/bissexuais na pandemia de covid-19 e apresentou taxas de 15% de vitimização durante os primeiros 5 a 8 meses da pandemia. Callan, Corbally e McElvaney (2020) explicam que a experiência de VPI de homens gays e bissexuais pode ser igual ou maior, quando comparada à relatada por mulheres heterossexuais, mas que a experiência de VPI desse público tem atravessamentos únicos, como a exposição da orientação sexual, as exposições sexuais de risco, a internalização, a reprodução do preconceito contra minorias sexuais e as dificuldades de acesso aos serviços de acolhimento sobre o tema da VPI.

Na pesquisa de Souza (2022), foi possível perceber alguns fatores relacionados à VPI entre homens que se relacionam com homens, sendo: a performatividade de masculinidade em disputas de poder dentro do relacionamento, baseado em questões como frequência das relações sexuais, diferenças de renda, ciúmes e comportamentos controladores; a construção de uma identidade negativa sobre a homossexualidade baseada em estereótipos da sociedade, gerando estresse e conflitos na intimidade; e o uso de álcool e de outras drogas, visto que minorias sexuais são relatadas como em vulnerabilidade aumentada ao uso abusivo e/ou à dependência química por conta do histórico de discriminações vividas,

no qual esse uso atua como disparador e mediador da VPI, além de representar uma forma de lidar com a violência vivida. Além disso, há o relato do papel intergeracional da VPI, ou seja, homens com intensa experiência de violência intrafamiliar estiveram envolvidos em situações de VPI mais graves posteriormente.

Souza e Beiras (2024) explicam que os homens que não performatizam os estereótipos de gênero esperados socialmente, estiveram em risco aumentado para a VPI, e que a VPI sexual é influenciada pela pornografia, que centraliza a sexualidade no pênis e no ato sexual em si, podendo ser perpetrada por parceiros que assumem a posição ativa (o que penetra) ou passiva (o penetrado). Souza (2023) explicou que homens que não têm sua identidade homo/bissexual divulgada estão em vulnerabilidade à VPI de exposição e que o racismo estrutural fragiliza a sexualidade entre homens gays/bissexuais negros, reduzindo-os à sua genitália e que a infidelidade real ou imaginária foi um dos principais disparadores de VPI. Por fim, o autor ainda explica que a VPI aumenta a vulnerabilidade dos sujeitos a infecções sexualmente transmissíveis, bem como parceiros que vivem com HIV foram ameaçados de terem sua sorologia exposta, o que configura crime na legislação brasileira.

O discutido até aqui permite um pontapé inicial para a elaboração da pergunta desta pesquisa, que é: quais os significados da VPI para um grupo de homens gays/bissexuais de Tabatinga, interior do Amazonas?

Metodologia

O estudo é qualitativo (Chueke; Lima, 2011), permitindo a construção dos dados a partir da interação entre pesquisador e participantes, com o intuito de compreender as dimensões subjetivas da realidade, que não podem ser quantificadas. O local da pesquisa foi a cidade de Tabatinga, localizada na região do Alto Solimões, interior do Amazonas. A cidade surgiu de um povoado chamado São Francisco Xavier de Tabatinga, fundado na primeira metade do século 18, para estabelecer um posto de guarda da fronteira entre o reino de Portugal e o reino da Espanha. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024) mostram que a cidade possuía 66.764 habitantes em 2022 e apresentava um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,616 em 2010.

Os participantes da pesquisa foram homens gays/bissexuais, escolhidos a partir da utilização da técnica chamada de “bola de neve”. De acordo com Bockorni e Gomes (2021), a técnica permite que se alcancem populações pouco conhecidas ou de difícil acesso, usando uma rede de referências e indicações, ou seja, a quantidade de participantes do estudo vai aumentando na medida em que estes convidam novos sujeitos a fazerem parte do estudo. A opção pelo uso da técnica se deu considerando o estigma associado a ser um homem que se relaciona com outro homem, interseccionado com o fato de Tabatinga ser uma cidade pequena. Como critérios de inclusão, foram adotados: ter 18 anos ou mais, se identificar como homem gay ou bissexual e residir em Tabatinga. Já como critérios de exclusão: estar sob o efeito de alguma substância durante o procedimento de construção dos dados ou apresentar algum tipo de dificuldade (problemas de saúde, por exemplo) que impeça sua comunicação.

Foi alcançado um total de seis homens gays/bissexuais. A busca por novos participantes foi encerrada, devido ao extenso período reservado a encontrar participantes. Entre os meses de maio e de novembro de 2024, foram contactados mais de 20 potenciais participantes na cidade, mas somente seis aceitaram participar do estudo. Essa dificuldade pode ser associada ao estigma que cerca as práticas homoeróticas em cidades pequenas, conforme argumentam Ferrari e Barbosa (2015). Os participantes que compuseram este estudo receberam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para assinatura, assim, dando ciência da pesquisa e dos seus objetivos e ficaram com uma cópia do documento. Todos os seis participantes se declararam homens cisgêneros e não escondem que são homossexuais; desses, três participantes possuem o Ensino Superior completo, dois deles estão cursando o Ensino Superior e outro possui o Ensino Médio completo. Cinco participantes se declararam pardos e um, branco. Cinco se declararam homossexuais e um, bissexual. Quanto ao estado civil, todos estavam solteiros no momento da entrevista e nenhum declarou possuir alguma deficiência. A faixa de renda dos participantes variou entre um e três salários mínimos. Quanto à área de trabalho, dois participantes trabalhavam na área de serviços, dois na área educacional e dois na área da saúde. O quadro 1 explicita as características dos participantes da pesquisa.

Quadro 1: caracterização dos participantes da pesquisa

Participante	Gênero/ Raça	Escolaridade	Identidade sexual	Orientação sexual	Estado civil	Faixa de renda	Possui deficiência	Área de Trabalho
Shun de Andrômeda	Homem Cis/Pardo	Médio completo	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Um salário mínimo	Não	Serviços
Caio	Homem Cis/Pardo	Superior cursando	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Até dois salários mínimos	Não	Serviços
Naruto	Homem Cis/Pardo	Superior completo	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Três salários mínimos	Não	Saúde
Gabriel	Homem Cis/Branco	Superior completo	Divulgada para pessoas próximas	Homossexual	Solteiro	Dois salários mínimos	Não	Educação
Klaus	Homem Cis/Pardo	Superior cursando	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Até três salários mínimos	Não	Saúde
Tobi	Homem Cis/Pardo	Superior completo	Divulgada para pessoas próximas	Bissexual	Solteiro	Até três salários mínimos	Não	Educação

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os participantes foram submetidos a uma entrevista semiestruturada individual, a partir de um roteiro flexível para discussão com o participante (Breakwell; Hammond; Fife-Schaw, 2010). Essa técnica de construção de dados é adequada ao objetivo deste estudo, pois, de acordo com Lane e Codo (1984), a realidade subjetiva é entendida como a atribuição de significado com mediação pela linguagem. As entrevistas tiveram duração média de 55 minutos e foram gravadas para a transcrição dos dados mediante autorização dos participantes e os próprios participantes escolheram pseudônimos para a garantia do sigilo de suas identidades.

Para a análise dos dados, foi utilizado o procedimento de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), organizado da seguinte forma: I) em um primeiro momento, foi realizada a transcrição e a organização dos dados em uma pré-análise, com leituras flutuantes, para avançar a exploração do material, consistindo em uma imersão nos dados para a decodificação e para a construção das categorias de análise baseado em critérios de complementaridade, de contradição e de justaposição; II) por fim, o tratamento dos resultados consistiu na última fase de análise, na qual os dados foram discutidos com literatura pertinente, para ganharem significado no estudo.

Em síntese, este estudo corresponde a um segundo recorte de resultado direto do projeto intitulado “Quem come veado também é veado? Homossexualidade masculina em Tabatinga, interior do Amazonas”. O estudo foi construído com as experiências relatadas por cinco dos seis participantes. A pesquisa seguiu os critérios éticos definidos pelas resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, no CEP-UFAM sob o parecer n. 6.797.751, inscrito sob o código CAEE: 78262024.0.0000.5020. A pesquisa não contou com nenhum tipo de financiamento.

Resultados e discussões

Relação de poder, controle e masculinidades

Foucault (1996) explica que, a partir do advento do capitalismo, após a revolução francesa, o poder, que era concentrado nas mãos do rei, se dissipa e passa a ser exercido nas relações sociais, ou seja, todos os sujeitos podem exercer poder, e esse passa a ser chamado de micropoder, por ser exercido sobre os corpos, com o objetivo de discipliná-los, a fim de que sejam úteis economicamente e fáceis de serem governados. As pessoas passaram a ser constantemente vigiadas e comparadas, de forma que a violência passa a ser exercida não somente no corpo do sujeito, mas sobre sua subjetividade. Kimmel (1998) explica que as masculinidades são constituídas por relações de poder em duas vertentes: por um lado, as masculinidades se constituem em relações baseadas em desigualdades de gênero com as mulheres e, por outro, se constituem a partir de relações desiguais com outros homens, baseado em questões como raça, classe – com atenção ao poderio financeiro –, deficiência, etnia, religião e afins. Essa categoria trouxe pistas que sugerem a VPI imersa em relações de poder entre as masculinidades envolvidas. Observemos:

Uma vez ele me empurrou porque eu não tava obedecendo ele como se fosse um pai, né? Aí ele pegou o cinturão para me bater com a fivela, foi uma coisa. Quem separou a briga foi um jardineiro que estava lá. Porque senão ele ia meter um monte daquele cinturão daquele com a fivela na minha cara. Porque ele falou assim: – Quem é aquele colega teu que tu tava andando lá, que tu nem apresentou? Coisa do tipo, né? Aí eu falei: – não, é um amigo de infância. Aí ele falou: – tu pediu permissão pra mim? Eu respondi: – não, eu achei que não tinha necessidade. Aí começou a briga por conta disso. Agora quando eu falei isso aqui pra ele, ele quase me deu um tapa, eu disse: – você sai com tantas pessoas, você vive sua vida aberta e livremente e por que eu não posso? Ele falou: – porque eu te mantenho, eu te ajudo, você precisa de mim, não é o contrário, eu não preciso muito de ti como você precisa de mim. Tipo isso, né? Ele era muito estranho. Tinha horas que parecia que me amava e tinha horas que parecia que tinha desprezo por mim. Isso acabava

comigo, né? Porque não sei qual é dele. Uma hora ele me ama, outra hora ele me odeia (Tobi, *Entrevista*, 2024).

Cabe salientar algumas questões: Tobi relatou que manteve um relacionamento íntimo por cerca de dois anos em segredo com um parceiro militar que se identificava como heterossexual e era casado com uma mulher. O participante relatou que a relação com ele extrapolava a ótica sexual, visto que os dois mantinham encontros recorrentes e seu parceiro tinha participação ativa na vida de Tobi, que estava em situação de vulnerabilidade social, por ser de baixa renda, pois seus pais tinham sérios problemas de saúde. A partir disso, podemos observar que é uma relação de micropoder (Foucault, 1996) entre os dois: se por um lado o parceiro de Tobi exerce poder, tentando criar uma forma de subordinação de Tobi para si, Tobi, por sua vez, resiste (exercendo poder), argumentando sobre o porquê de não poder viver sua vida como seu parceiro vive a dele. Há de se pensar que o disposto pelo participante ainda aponta para o discutido por Kimmel (1998), uma vez que o parceiro se utilizou do poder financeiro para justificar seu controle sobre Tobi.

Pode-se acrescentar também que o parceiro de Tobi, ao se identificar como heterossexual, guardava para si benefícios da heterossexualidade, com a respeitabilidade social, enquanto Tobi vivenciava toda a carga de estresse por não atender a tais padrões. Aqui é importante observarmos que o parceiro de Tobi incorpora o que foi definindo por Connel (1995) como “masculinidade cúmplice”, ou seja, o parceiro incorpora benefícios da heterossexualidade hegemônica, mesmo não conseguindo performatizar esse projeto por completo. Há ainda de se pensar em Tobi, que parece performatizar aspectos da “masculinidade subordinada”, como quando descrito que ele era dominado por seu parceiro que, mesmo mantendo práticas homoeróticas, se identificava como heterossexual. Cabe destacar que essa subordinação não estava ligada somente ao gênero e à sexualidade, mas também à classe, pois o parceiro de Tobi relatou que o mantinha (e essa questão diz respeito à ajuda financeira).

Essa relação de subordinação é apontada pela necessidade de Tobi ter que pedir permissão de seu parceiro para ter contato com outros homens e pelo valor simbólico entre um homem heterossexual e um homem bissexual. Porém, ao observar a complexidade da situação, ao mesmo tempo em que Tobi era subordinado por um lado, por outro, ele também pode ser compreendido como inserido no conceito de “masculinidade cúmplice” de Connell (1995). Vejamos: mesmo sendo um homem bissexual, que não atende aos padrões tradicionais de masculinidade, Tobi acaba por incorporar aspectos típicos dela, como a infidelidade, que é quase normativa para homens (De Santis et al., 2014). Observamos, então, diferentes modos e relações de masculinidade acontecendo ao mesmo tempo na produção de VPI.

Por fim, a fala de Tobi aponta também para um componente de estresse de minorias importante de ser salientado. Quando o participante relata que tinha a impressão de que seu parceiro ora o amava, ora o odiava, isso pode ser compreendido como um impacto do estresse de minorias (Meyer, 2003), visto que um dos aspectos desse fenômeno é a internalização de preconceitos contra minorias sexuais pelo sujeito que tem desejos homossexuais. Essa tensão constante tem impacto direto na autoestima do sujeito e, conseqüentemente, nas suas relações.

Klaus nos traz outros aspectos de relação de poder e VPI, ao ser perguntado sobre porque acreditava que seu parceiro era violento com ele:

Ele era inseguro, inseguro. Aí ele te violentava pra quê? Para se dominar, para se sentir. E também uma coisa que eu acho que não sei se é muito pejorativa ou se o termo não se adequa, para se sentir homem. Para confirmar a masculinidade de homem. E também porque o histórico dele sempre foi de uma relação onde ele viu o pai fazer a mesma coisa com a mãe, entendeu? (Klaus, *Entrevista*, 2024).

Klaus aponta para um aspecto de performatividade de gênero. Conforme defende Butler (2003), performatizar o gênero significa incorporar e reproduzir signos culturais relacionados a construções de corpos como masculinos e femininos. No caso de Klaus, observamos que seu parceiro parece performatizar os signos de virilidade, macheza e violência típicos da “masculinidade hegemônica”, de forma que isso o faria ser lido e entendido como homem de verdade, mas essa questão não o torna um homem hegemônico, o faz no máximo um “homem cúmplice” dessa masculinidade (Connell, 1995). Isso por conta de aspectos como classe, pois o parceiro é um homem não branco e de classe baixa.

É possível ainda perceber que, de acordo com Souza (2022), a homossexualidade faz com que homens sejam lidos como menos masculinos. Estes, por sua vez, podem utilizar diversas estratégias para compensar essa questão e um desses pontos é justamente o uso da violência (uma forma de incorporar aspectos da masculinidade tradicional, como o caso do parceiro de Klaus), pois ela mostraria que mesmo sendo gay, o homem continua “sendo homem”, compensando sua homossexualidade. Além disso, a sociabilidade de gênero a partir da performatividade faz com que seja aceitável para homens utilizar a violência para a resolução de conflitos em seus relacionamentos íntimos (Guadalupe-Díaz; Barredo, 2013; Stults et al., 2016).

Outro aspecto que pode ser destacado na fala de Klaus é a intergeracionalidade da violência doméstica/familiar. De acordo com Oliveira e Sani (2009), esse fenômeno corresponde ao aprendizado e à reprodução da violência presenciada/vivida quando criança, em casa, em suas relações íntimas quando adulto, a partir da identificação e da semelhança com os comportamentos e valores aprendidos e naturalizados na família de origem (Paixão et al., 2015). Dessa maneira, podemos observar o parceiro de Klaus internalizando e reproduzindo a violência doméstica que ele vivenciou na família de origem, e o fato deste parceiro observar o pai sendo agressivo com a mãe e depois reproduzindo o comportamento violento, apontando para a imitação que dá significado típico da performatividade de gênero (Butler, 2003), ou seja, o parceiro de Klaus, ao reproduzir a VPI, tornava-se tão homem quanto seu pai, quando este era violento com sua mãe. A VPI atravessando gerações também foi observada na pesquisa de Souza e Beiras (2024).

Violência sexual e masculinidades

De Vasconcelos, Pontes e Silva (2015) explicam que a violência sexual consiste no uso da violência (de qualquer tipo) para conseguir realizar o ato sexual contra a vontade do parceiro. Nas relações íntimas entre homens, a violência sexual é a forma mais comum de VPI (Williams et al., 2015) e

ela funciona como um aspecto de performatividade, que confirma a masculinidade daquele que é violento (Newcomb; Mustanski, 2016), sendo causada por um entrelaçamento histórico que envolve, entre outras questões, a ideia de que homens precisam ser dominantes e que podem conseguir sexo por quaisquer meios, inclusive usando a violência (De Santis et al., 2014). Tobi nos dá pistas da VPI sexual vivida:

Um rapaz que tava falando comigo e assim, gostou de mim. Aí ele ia lá pra casa da irmã dele, e fomos lá, né? Aí ele falou bem assim que ele queria transar comigo, mas eu não me senti confortável naquele lugar. Eu falei: – não, eu só quero beijar, outro dia a gente faz isso. Então isso causou raiva nele. Ele queria já a penetração. Aí ele falou que eu só ia sair depois que ele transasse comigo. Aí como que eu vou, né? Aí, então ele... ele quis pegar um terçado², aí eu tive que correr e pular o muro lá. Porque eles (os HSH que se definem como héteros) não aceitam, entendeu? Às vezes, na raiva, eles acham que porque tu é gay, tem que ficar com eles na hora que eles querem e pronto (Tobi, *Entrevista*, 2024).

Cabe salientar que todas as situações de VPI das quais Tobi foi vítima foram perpetradas por HSH que se identificavam como heterossexuais. Conforme Parker e Aggleton (2003), o termo HSH significa “homem que faz sexo com homem” e inclui todos os homens que se envolvem em práticas sexuais com outros homens, independentemente de como se identificam em termos de orientação sexual. Esse termo é útil para fins epidemiológicos, pois abrange indivíduos que podem não se identificar como gays ou bissexuais, mas que mantêm relações sexuais com homens. Algumas complexidades podem ser observadas: verificamos novamente a relação de “masculinidade subordinada”, como descrita por Connell (1995), quando o HSH hétero tenta exercer poder disciplinar (Foucault, 1996) sobre o homem homossexual. Como Tobi exerceu poder negando a relação sexual imediata, a VPI parece ter ocorrido como forma do HSH heterossexual tentar recuperar sua posição de dominância na relação e confirmar que ele, como homem heterossexual, tem direito de ser servido (sexualmente, no caso), por um homem gay, que pode ser percebido como inferior.

Cabe, ainda, salientar o determinado trecho: “Aí ele falou que eu só ia sair depois que ele transasse comigo”. Um dos possíveis significados dessa fala aponta para como a homossexualidade masculina muitas vezes é compreendida. Fry (1982) explica que, na construção das relações sexuais entre homens, aquele que é penetrado (neste caso, Tobi) é entendido como a “bixa feminina” e seu parceiro, por ser o parceiro que penetra, é entendido como o “macho viril”. Considerando que o parceiro de Tobi, apesar de manter relações e desejos homoeróticos, se identificava como heterossexual, sendo assim, o que podemos observar é uma forma de reprodução do padrão heteronormativo de violência sexual, em que o homem viril usa da violência para tentar conseguir sexo. Algo parecido é relatado por Tobi em outra situação (também com um HSH que se identifica como heterossexual): “Houve um senhor lá que eu estava fazendo amizade com ele. Aí ele me levou para o quarto. E como eu te falo, eu não gosto que me tratem com violência, como se já quisesse penetrar e por causa disso, porque eu neguei, ele quis me bater, eu tive que pedir socorro de uma vizinha por essa situação” (Tobi, *Entrevista*, 2024).

² O terçado é um tipo de facão com lâmina de aço, utilizado para cortar vegetação e abrir caminho em áreas de mata fechada, mas também pode ser usado como uma arma improvisada.

Klaus, ao responder se já foi forçado a fazer sexo contra sua vontade na relação abusiva que teve com um parceiro também gay, nos dá outras pistas sobre a violência sexual nas relações íntimas entre homens: “Se eu não cedesse, teria agressão. Ele já chegou a dizer: ‘ou você faz ou eu te mato’. Estava nesse nível. E aí você imagina, foi um problema. A maioria das agressões era por ele querer sexo e eu não. Entendeu? Essa foi a maioria das agressões” (Klaus, *Entrevista*, 2024).

O observado na fala de Klaus pode apontar para os significados da performatividade de gênero, que incentivam o prazer sexual masculino, inclusive por meio da VPI, visto que essas questões envolvem ainda a hipersexualidade e a impulsividade (Stults et al., 2016). A violência sexual contra o parceiro íntimo foi uma das mais relatadas na pesquisa de Stephenson et al. (2014) tanto na forma de estupro quanto na coerção sexual e, de acordo com Saffioti (2001), a violência praticada por homens ocorre em função da socialização masculina voltada para a demonstração de força, agressividade e manutenção da dominação.

Ainda observamos, na fala de Klaus, que a violência psicológica, na forma de ameaça, apareceu antes da violência sexual, o que dialoga com os achados de Souza (2022), quando o autor observou que a violência sexual geralmente ocorre concomitantemente a outras formas de VPI. Por fim, pode-se refletir que a fala aponta para uma noção de que o sexo parece ser entendido como um direito do homem, e que para exercer esse suposto direito, ele pode ser violento; e, quando operacionalizado a análise de gênero, de acordo com Dantas Filho et al. (2023), observamos que homens são incentivados a serem agressivos, de forma que o uso da violência dá inteligibilidade à sua masculinidade, o aproximando do projeto de masculinidade hegemônica (Connell, 1995), mesmo não incorporando outros aspectos dela, e alia-se a isso a hipersexualização, de forma a ajudar a produzir as situações de violência sexual. Klaus (*Entrevista*, 2024) nos dá outras pistas sobre a VPI sexual:

E um dia eu estava na frente de casa, o meu vizinho [fala pra mim]: – ô vizinho vem tomar açaí. Isso era nove horas da noite. Na hora que eu fui, ele vinha chegando e ele me ligou. O celular acendeu e eu gritei, estou aqui na rua. E ele foi lá, cara... O vizinho nem sabia que eu era gay. Ele foi logo dizendo que eu tinha deixado ele pelo cara, que foi uma confusão. O senhor me ajudou a contornar a situação, ele era um homem já muito educado e ajudou a controlar ele. Chegando em casa, ele queria sexo e eu não. E eu falei para ele: – eu estou disposto a morrer. Quando eu disse, ele: – está mesmo? e puxou uma faca enorme. Só que eu fui mais rápido. Eu puxei a porta lá fora e tranquei ele por dentro da casa. Ele ficou por dentro e eu por fora. Eu fui embora pra casa da mãe dele.

A fala de Klaus aponta para a VPI como um duplo armário. Primeiramente, o “armário” diz respeito a um regime de controle da sexualidade que mantém a binaridade opositiva entre heterossexualidade, fazendo do espaço público um direito da heterossexualidade, marginalizando as práticas homossexuais ao privado e ao sigilo (Sedgwick, 2007). Estar no armário significa ter sua identidade sexual ocultada, de forma que os sujeitos desenvolvem inúmeras estratégias para administrarem a quem sua orientação sexual será revelada. Essa é uma das principais facetas do estresse de minorias (Meyer, 2003), à medida que pode gerar sofrimento psíquico. Cabe, também,

destacar que muitos homossexuais têm sua identidade sexual ocultada para alguém, em algum nível ou área de sua vida, e essa experiência não existe na heterossexualidade (Souza, 2022).

O primeiro aspecto a ser destacado, então, é que, de acordo com Stiles-Shields e Carroll (2014), as situações de VPI nas relações homossexuais são um duplo armário, porque uma vítima que procura ajuda tem que revelar não somente sua experiência de VPI, mas também sua orientação sexual, mas, no caso relatado por Klaus, foi a própria situação de VPI que revelou sua orientação sexual para seu vizinho.

O segundo aspecto envolve a relação de poder (Foucault, 1996), mediando a VPI. Klaus relatou que as violências mais marcantes estavam relacionadas a negativas para o ato sexual com seu parceiro, o que pode sugerir que o relacionamento íntimo entre homens pode ser uma forma de território masculino, no qual a VPI sexual transita com certa naturalidade. Um território masculino pode ser entendido como um conjunto de espaços, sejam físicos, simbólicos ou sociais, que homens historicamente ocupam e exercem influência, ou mesmo dominação, referindo-se a lugares tradicionalmente considerados como pertencentes aos homens, como o ambiente político, o espaço público, o esporte, o trabalho formal, ou mesmo o corpo do outro feminino. Quando observamos essa noção no relacionamento íntimo entre homens, é necessário que compreendamos as práticas e as normas machistas que norteiam o relacionamento, pois o território masculino é produto da performatividade de gênero (Butler, 2003), que pode reforçar o uso da violência como forma de manter o controle e o domínio sobre o outro na relação. No caso descrito por Klaus, podemos observar que seu relacionamento íntimo funcionava como um espaço de práticas violentas no campo simbólico e no campo real, práticas essas que têm como origem a socialização de gênero, ou seja, é aprendido e reforçado ao longo da vida, com base em valores como força, dominação, invulnerabilidade e hipersexualidade.

Tais significados apontam para o conceito de dominação masculina de Bourdieu (1999). O conceito diz respeito à percepção e à organização concreta e simbólica de toda vida social em torno do masculino. Welzer-Lang (2001) explica que a dominação masculina é evidenciada pela forma como homens dominam coletivamente e individualmente as mulheres. Essa dominação é exercida na esfera privada e pública, atribuindo a eles diversos privilégios, mas o autor acrescenta que a sociabilidade entre homens também é estruturada pelos mesmos processos, de forma que homens são ensinados que, para serem masculinos de verdade, precisam dominar tudo aquilo que for percebido como próximo ao feminino, ainda que sejam outros homens. Os significados desse sistema colocam homens em posturas predatórias em relação ao sexo, legitimando as violências sexuais e fazendo com que homens entendam que podem realizar seus desejos sexuais do jeito que quiserem, onde e com quem quiserem, inclusive com outros homens, como no caso de Klaus.

Ciúmes e VPI

Essa categoria trouxe pistas da influência do ciúme na VPI entre homens. De acordo com Bueno e Carvalho (2011), o ciúme é um complexo de emoções, cognições e comportamentos, que objetivam proteger o relacionamento ou a autoestima diante da presença de alguém percebido como rival para o relacionamento afetivo-sexual. Conforme Centeville e Almeida (2007), o ciúme pode envolver sentimentos

como medo, suspeição, desconfiança, angústia, ansiedade, raiva, rejeição, indignação, constrangimento e solidão.

De acordo com Lacerda e Costa (2014), o ciúme é um dos fatores frequentemente presentes nas situações de violência contra a mulher. Na pesquisa dos autores, todas as entrevistadas relataram que o ciúme do parceiro foi sempre acompanhado por violências físicas e psicológicas, em que a suspeita de envolvimento com outra pessoa (ou o medo disso) foi o gatilho citado por todas as participantes como precursor das reações ciumentas. Deeke et al. (2009), ao analisarem a dinâmica da violência doméstica a partir do discurso da mulher agredida e do parceiro autor da agressão, observaram que o ciúme foi um dos fatores presentes na situação violenta, em que os homens suspeitavam tanto do envolvimento de suas parceiras com outros homens quanto sentiam ciúme de relacionamentos anteriores.

Os estudos sobre ciúmes na comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, pessoas queer, intersexo e assexuais – LGBTQIA+ – são muito escassos, mas no estudo de Damacena et al. (2018), ao investigarem se há diferenças em sua manifestação entre pessoas LGBTQIA+ e pessoas heterossexuais-cisgêneras, chegaram à conclusão de que, por mais que o ciúme seja um fenômeno heterogêneo, a orientação sexual e a identidade de gênero não influenciaram significativamente em sua ocorrência, que foi semelhante em termos de prevalência entre os dois grupos.

Quando relacionado às masculinidades, o ciúme masculino tem maior impacto quando associado à infidelidade sexual, e essa questão está atrelada a significados como a defesa da honra masculina (Haack; Falcke, 2013), pois ser o sujeito que passa pela infidelidade causa grande impacto emocional e rompe com o projeto de dominância masculina. Na pesquisa de Cavaler, Souza e Beiras (2022), não somente a infidelidade consumida, mas as suas suspeitas serviram de motivação para o crime de feminicídio e o crime, quando motivado por questões como essa, é frequentemente retratado como “ele matou por amor”.

Klaus (*Entrevista*, 2024) nos dá pistas sobre o ciúme envolvido com a VPI:

Eu vivi um relacionamento abusivo que me vendo você nem acredita. De agressão física, verbal, psicológica. De eu não poder sair de eu não poder ter celular, de eu não poder falar, de eu não poder trabalhar, de eu ter que sair da zona urbana para ir para uma zona rural para não estar convivendo com pessoas. Isso aqui em Tabatinga. Eu vivi quatro anos assim. Ele era muito ciumento, possessivo pelo fato da profissão que eu ocupava ter que me relacionar socialmente com pessoas, de negócios... ele acabou com a minha vida.

O fluxo entre zona rural e zona urbana é comum no município de Tabatinga (AM). A cidade é marcada por uma confluência de povos da região da Tríplice Fronteira Brasil-Peru-Colômbia e é atravessada pelo Rio Solimões, que vem do Peru, e possui um intenso fluxo de indígenas e outros povos do campo e das águas. As zonas rurais possuem a característica de serem ainda mais isoladas, onde é difícil o acesso a sinais de telefone (e conseqüentemente de internet). Dessa maneira, ao ser obrigado a se mudar para a zona rural, Klaus perde a chance de ter uma rede apoio para lidar com o relacionamento abusivo.

De acordo com Souza, Silva e Honorato (2022), um relacionamento abusivo tem como principal característica o excesso de controle que um parceiro exerce sobre o outro, tornando-o um refém dentro do relacionamento, mediante um monitoramento que é constante, no intuito de isolar o parceiro oprimido somente para aquele que oprime. Um dos principais fatores relacionados ao abuso dentro de uma relação íntima é o ciúme, que funciona como uma forma de prever e/ou evitar uma possível infidelidade. No que diz respeito ao ciúme e aos relacionamentos íntimos entre homens, Stephenson et al. (2014) explicam que os comportamentos controladores, como no caso descrito por Klaus, são uma das suas principais manifestações.

O apontado por Klaus pode ser compreendido, inclusive, a partir do conceito de controle coercitivo (CC), de Evan Stark (2007). O autor explica que o CC é um padrão de dominação sistemática, exercido por um parceiro íntimo sobre o outro, que combina táticas de intimidação, manipulação, isolamento social e abuso emocional, com ou sem violência física direta. Essa visão rompe com a ideia clássica de que a VPI consiste em atos isolados de violência, na qual a essência da violência doméstica está em um sistema contínuo e estratégico de controle, que visa privar a vítima de autonomia, liberdade e dignidade. O objetivo não é somente causar dor, mas transformar a vítima em um subordinado, retirando sua capacidade de agir por si. Destaca-se, ainda, que o CC pode ocorrer sem a presença de violência física, mas ela pode estar na sua base. Os principais componentes do CC, segundo o autor, são: 1) Isolamento social (limitação ou controle dos contatos da vítima com amigos, familiares ou outras redes de apoio); 2) Vigilância constante (controle dos movimentos, rotinas, comunicações e decisões da vítima); 3) Ameaças e punições (uso de ameaças (inclusive não físicas) para gerar medo e obediência) 4) Controle financeiro (restrição do acesso a recursos econômicos como forma de submissão); 5) Abuso psicológico e emocional (Humilhação, desvalorização e manipulação emocional constantes); 6) Dependência forçada (criação de um ambiente em que a vítima se sinta incapaz de sobreviver ou sair do relacionamento por conta própria).

Caio (Entrevista, 2024) complementa as reflexões: “Uma das minhas funcionárias deu em cima dele, entendeu? E foi essa a minha raiva. De ele ter feito isso e... na hora do evento, sabe? Na hora do evento que tá acontecendo. Eu saí do palco e eu fiz uma confusão com ele. Mas ele não chegou a me agredir, eu que cheguei a bater nele mesmo, sabe? Foi ciúme? Foi”.

Já na fala de Caio, observamos o ciúme como uma forma de lidar com um potencial rival de seu relacionamento íntimo, mas nesse caso, Caio foi quem perpetrou a VPI contra seu parceiro. O ciúme é frequentemente associado a sentimentos de posse, controle e insegurança emocional e, quando esses sentimentos são vivenciados de forma intensa e desregulada, podem ter a violência como consequência (Centeville; Almeida, 2007). Essa questão se intensifica quando o ciúme se associa à cultura da dominação masculina, pois, apesar de ser romantizado, ele carrega um forte componente de ameaça e punição, quando vinculado à lógica de defesa da honra masculina. Podemos observar, então, que Caio, ao perceber um potencial rival ao seu relacionamento, recorre ao uso da violência não somente para manter sua relação íntima, mas também para defender sua honra masculina.

Pfeiffer e Wong (1989) explicam que o ciúme possui três dimensões, que podem ser consideradas na análise das situações de VPI. A dimensão emocional diz respeito a uma resposta condicionada, ou seja, não está ligada apenas à percepção de ameaças ao relacionamento, como ter reação emocional negativa ao ver o ex-namorado com um novo parceiro, independentemente de suas avaliações cognitivas. A segunda dimensão é a dimensão cognitiva do ciúme, que é caracterizado por medos e suspeitas acerca da fidelidade do parceiro, envolvendo ideias paranoicas. A terceira dimensão é a comportamental, que tem como exemplo os atos investigativos, como a procura por evidências de traições ou medidas protetivas ou falar mal de pessoas percebidas como ameaçadoras ao relacionamento. Observamos nas falas de Caio e de Klaus a presença das três dimensões do ciúme acontecendo juntas na produção da VPI.

Na pesquisa de Goldenberg et al. (2016), o ciúme foi discutido como um dos principais fatores que, interseccionado com outras questões, como o uso de álcool e de drogas, contribui para a VPI. A pesquisa também sugeriu que quanto maior a desigualdade de poder entre os parceiros, medida a partir de aspectos interseccionais como gênero (ser mais ou menos masculino), classe (diferenças baseadas em quem ganha mais ou menos dinheiro) e raça, mais o relacionamento estará vulnerável à VPI. No que se refere à fala de Caio, é possível refletir que a diferença mais marcante é a diferença de gênero, pois Caio é um homem gay que não atende aos requisitos de performatividade de masculinidade, sendo considerado afeminado, mas que costuma se envolver com HSH que se identificam como heterossexuais. Então, ao significar que uma mulher estava supostamente dando em cima de seu parceiro (e a ameaça ao seu relacionamento era percebida porque seu parceiro se identifica como heterossexual), as dimensões cognitiva, comportamental e emocional do ciúme, interseccionadas com as normas de gênero, produziram a situação de VPI.

Por fim, na pesquisa de Souza (2022), homens homossexuais percebidos como afeminados também utilizaram da VPI em seus relacionamentos íntimos e o processo ocorreu não somente motivado por ciúme, mas também, entre outros fatores, como uma forma de compensar a masculinidade supostamente perdida por ser homossexual e não performatizar o gênero da forma esperada, ou seja: eu posso ser gay afeminado, mas não deixei de ser homem e posso ser violento sim.

Infidelidade e VPI

Essa categoria reúne dados sobre a infidelidade envolvida com a VPI. Observemos:

Então... A gente já estava há uns 4 anos casado morando junto. Ele era de outro município do Alto Solimões. Então... E uma vez eu descobri a traição. Eram anos de enganação, de traição. Entendeu? Então... Quando eu descobri que era anos de traição, então literalmente eu parti pra cima pra brigar mesmo, e acabei esfaqueando a pessoa. Sim, esfaqueei ele. Foi um momento de tanta raiva que... eu me senti traído porque não percebi que ele já estava há anos me traindo. A traição foi só o disparador. Então, eu não acreditava que ele conseguiu... Eu não tinha percebido que ele estava há um ano já... Me traindo com outra pessoa, [...] ele tinha vários casos (Naruto, *Entrevista*, 2024).

De acordo com De Santis et al. (2014), a infidelidade é comum nos relacionamentos homossexuais masculinos, sendo quase uma norma entre homens, estando amplamente relacionada à VPI. Na pesquisa de Souza (2022), a infidelidade foi disparadora da maioria das situações de VPI descritas, mas aqui há uma complexidade importante a ser observada: o autor defende que se, por um lado, homens podem entender a infidelidade como um direito inerente à condição masculina, por outro, quando o homem é quem sofre a infidelidade, essa experiência pode ser vivida com intenso sofrimento, o que a leva ser um disparador de VPI. Encontramos, como pano de fundo, os estereótipos de gênero que sustentam a ideia de que o homem se torna menos homem quando sofre infidelidade, mas, por outro lado, ser infiel confirma a masculinidade de quem comete o ato.

Klaus (*Entrevista*, 2024) traz outros aspectos da infidelidade e sua relação com a VPI:

Ele sempre me traiu com mulheres. Foram três traições e sempre foi com mulher. E a terceira traição não chegou num ato sexual. Eu... digamos que ele tava no computador e chegou uma mensagem, ele fechou. Eu esperei ele sair e fui abrir o computador. Verifiquei a mensagem, verifiquei aonde a pessoa tinha marcado o encontro com ele. Pra minha surpresa era uma pessoa que só vivia dentro de casa com a gente. Foi o primeiro ato de agressão que eu cometi contra outra pessoa. Quando eu fui ler o teor da mensagem, vi que ela tipo chantageou: “você vem conversar comigo pessoalmente ou eu insinuo pro Klaus que a gente tem algo”. Depois eu nem me dei o trabalho de ler o resto. Pra mim só era importante o local onde estava. E quem estava lá no local? Eu. Eu não agredi ele, eu agredi ela. E eu sou um homem, você pode imaginar o resultado.

O relatado por Klaus aponta para a infidelidade sendo mais uma vez o disparador de VPI, mas com um atravessamento diferente. Klaus relata que a VPI não foi direcionada ao seu parceiro, e sim à mulher com quem seu parceiro tinha relações extraconjugais. Na pesquisa de Conroy (2014), foi discutido como a infidelidade é um fenômeno complexo, podendo ser disparador de VPI tanto para homens quanto para mulheres, mas mulheres envolvidas em situações de infidelidade estão em risco significativamente aumentado para a VPI, quando comparadas a homens na mesma situação, devido aos estereótipos de gênero que normalizam a infidelidade para homens e controlam/regulam a sexualidade feminina. No caso descrito por Klaus, pode-se observar que seu parceiro infiel não sofreu retaliações, enquanto a mulher envolvida foi totalmente responsabilizada pela situação. Klaus ainda relatou que permaneceu na relação com seu parceiro infiel, de forma que podemos compreender que a VPI foi uma resposta a uma inimiga externa, no caso a mulher. O mesmo mecanismo é encontrado, por exemplo, nas situações de VPI nas relações heterossexuais, em que mulheres culpam outras mulheres por conta da infidelidade cometida por seu parceiro, reforçando os preconceitos associados ao gênero e, ao mesmo tempo, beneficiando homens, por meio de uma constante competição entre mulheres (Wolff, 2020).

Gabriel (*Entrevista*, 2024) continua a nos dar pistas sobre a infidelidade e a VPI entre homens:

Foi por causa de traição mesmo, tipo assim, de eu ter ficado com raiva, tipo... por eu ter descoberto alguma coisa e ter ficado com muita raiva, mas eu não cheguei a bater não. Eu só segurei a camisa e puxei, rasgou a roupa dele, só isso, porque ele estava tentando fugir da situação. E da outra vez que eu fiquei com tanta raiva, tanta raiva, que eu acabei dando uma capacetada nele, assim tuc, e fui embora. Sai... só sai de perto. Fiquei com

raiva por ter descoberto a traição. Aí a minha raiva foi desse tipo de coisa acontecer. Mas aí chegou um tempo de... de eu acabar fazendo também as mesmas coisas.

Os impactos emocionais da infidelidade no parceiro que foi traído são relatados como positivas, neutras ou desastrosas, mas geralmente a descoberta da traição gera, como consequência, a insegurança, o anseio por vingança e os sentimentos danosos difíceis de serem explicados pelo sujeito (Silva, 2022). Na pesquisa de Souza (2022), os parceiros relataram que a situação de infidelidade causou sofrimento intenso, justificando a VPI como uma forma de revidar, ou seja, como uma forma de reequilibrar o desbalanceamento de poder que a infidelidade causa na relação. No caso descrito por Gabriel, a VPI não foi suficiente para reequilibrar a distribuição de poder no relacionamento, no qual ele adota as mesmas práticas de seu parceiro, sendo também infiel posteriormente. O desequilíbrio de poder sendo uma das pistas explicativas da VPI entre homens também foi relatado nas pesquisas de Chong, Mak e Kwong, (2013), Finneran e Stephenson (2014) e Buller et al. (2014).

A infidelidade também emergiu entrelaçada à VPI e como uma possível forma de sair do relacionamento abusivo na ótica de Klaus (*Entrevista*, 2024), que quando descobria que o parceiro era infiel, relata:

Eu dizia: “graças a Deus, ele vai se apaixonar, ele vai me deixar”. Eu torcia, mas ele sempre voltava. Eu comecei a torcer pra ele se apaixonar porque ou eu estava (na relação) ou eu morria. Ele me matava. E ele tentou. Tentou várias vezes, com faca, me desmaiou, me deixou um tempo andando muito mal, quase sem andar. Ah, e teve uma paulada. E aí eu comecei a pensar em reagir. E aí eu passei a ser uma pessoa violenta. Daí eu comecei a passar a me defender a um grau de muita violência. De eu perder o sentido do que eu tava fazendo. Porque eu era mais ágil, era mais inteligente, entendeu? Pra ele passar depois a se defender de mim, ele tinha que pegar alguma coisa que pudesse me ferir.

Na pesquisa de Souza, Beiras e Silva (2024), que investigou como homens em relacionamento íntimo com outros homens enfrentam a VPI vivida, a principal forma de sair da relação abusiva foi o término da relação e na fala de Klaus, encontramos uma relação de expectativa de que a infidelidade de seu parceiro o fizesse abandonar a relação íntima, mas Souza e Silva (2022) explicam que em um relacionamento abusivo, é muito importante manter o sujeito vitimizado dentro da relação, em que o parceiro perpetrador impede a vítima de abandonar o ciclo de violência mediante a impregnação de diversas formas de VPI.

Cabe, ainda, destacar que, quando Klaus relata que começou a se defender, muitas vezes essa defesa dificulta a compreensão da complexidade da VPI homossexual. Observemos: Souza (2022) explica que existe uma dificuldade social de compreensão da VPI homossexual pela falta de inteligibilidade das relações homossexuais, e isso se alia a como os estereótipos de gênero fazem a mulher cisgênera ser a única pessoa possível a ser vítima na intimidade. Portanto, quando um homem, em relação íntima com outro homem, reage a VPI vivida, ele também passa a ser lido como perpetrador de violência. Essa questão reduz as possibilidades de intervenção aos casos de violência nas relações homossexuais, deixando esses sujeitos fragilizados no enfrentamento da VPI vivida (Souza; Beiras; Silva, 2024).

Conclusão

O estudo objetivou compreender os significados da VPI para um grupo de homens gays/bissexuais no município de Tabatinga, interior do Amazonas. A análise dos dados possibilitou a construção de quatro categorias: 1) Relação de poder, controle e masculinidades; 2) Violência sexual e masculinidades; 3) Ciúmes e VPI; 4) Infidelidade e VPI.

A primeira categoria, “Relação de poder, controle e masculinidades”, sugeriu que a VPI nas relações entre homens é mediada por uma complexa relação de poder, que tem a performatividade de masculinidade como componente crucial, a partir de uma perspectiva de homens subordinando homens. A segunda categoria, “Violência sexual e masculinidades”, sugeriu que a VPI sexual é uma das mais comuns entre homens em relacionamento íntimo, sendo mediada por estereótipos de masculinidade, que reduzem a sexualidade masculina ao ato sexual em si, além de que tais estereótipos naturalizam e dão inteligibilidade à violência sexual praticada por homens contra seus parceiros. A categoria “Ciúmes e VPI” sugeriu que o ciúme é um dos temas que sustenta a VPI e, por fim, a última categoria, “Infidelidade e VPI”, sugeriu a infidelidade como um dos principais disparadores de VPI, mas, no caso deste estudo, ela também surgiu alimentando uma expectativa de conseguir sair do relacionamento abusivo. A semelhança entre todos os temas foi a noção de que as relações íntimas entre homens foram mediadas por intensas e complexas relações de poder, que envolvem não somente o gênero, mas outras categorias identitárias, como a classe e a orientação sexual.

No interior do Amazonas, as relações homossexuais assumem questões complexas que divergem dos espaços metropolitanos, por exemplo, a partir dos dados desta pesquisa, pôde-se observar que as fronteiras entre a hétero e a homossexualidade podem ser fluidas, visto que alguns participantes assumiram ter relações íntimas com homens que, mesmo tendo desejos e práticas homoeróticas, se identificam como heterossexuais e, por isso, a compreensão da VPI entre esse público precisa ser pensada para além da compreensão heteronormativa, pois exige olhar para a complexidade das identidades dos indivíduos e as complexidades relacionais, uma vez que estas, muitas vezes, são mediadas pelo estresse de minorias.

Por fim, as limitações do estudo podem ser citadas: não foram observados fatores relacionados ao HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, bem como não foi observada a relação entre raça e VPI, assim como a experiência de homens gays/bissexuais com deficiência não foi relatada, bem como o participante Shun de Andrômeda não relatou experiências de VPI em sua trajetória afetiva e sexual. Dessa forma, são necessárias pesquisas específicas sobre os temas, a fim de alargar nossa compreensão sobre a VPI nas relações homossexuais masculinas.

Fontes

CAIO. *Entrevista concedida à Daniel Cerdeira de Souza*. Tabatinga, 19 out. 2024.

GABRIEL. *Entrevista concedida à Daniel Cerdeira de Souza*. Tabatinga, 01 nov. 2024.

IBGE. *Cidades e Estados – Tabatinga, Amazonas*. IBGE. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/4nHrSHd>. Acesso em: 19 out. 2025.

KLAUS. *Entrevista concedida à Daniel Cerdeira de Souza*. Tabatinga, 22 maio 2024.

NARUTO. *Entrevista concedida à Daniel Cerdeira de Souza*. Tabatinga, 17 maio 2024.

TOBI. *Entrevista concedida à Daniel Cerdeira de Souza*. Tabatinga, 31 out. 2024.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almiralva Ferraz. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, v. 22, n. 1, p. 105-117, 2021.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BREAKWELL, Glynis; HAMMOND, Sean; FIFE-SCHAW, Chris. *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BUENO, José Maurício Haas; CARVALHO, Lucas de Francisco. Um estudo de revisão do inventário de Ciúme Romântico (ICR). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, n. 3, p. 435-444, 2011.

BULLER, Ana Maria et al. Associations between Intimate partner violence and health among men who have sex with men: a systematic review and meta-analysis. *PLoS Medicine*, v. 11, n. 3, e1001609, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLAN, Aisling; CORBALLY, Melissa; MCELVANEY, Rosaleen. A scoping review of intimate partner violence as it relates to the experiences of gay and bisexual men. *Trauma, Violence & Abuse*, v. 20, n. 10, p.1-16, 2020.

CAVALER, Camila Maffioletti; SOUZA, Daniel Cerdeira de; BEIRAS, Adriano. Motivações para o crime de feminicídio: revisão integrativa da literatura. *Quaderns de Psicologia*, v. 24, n. 2, e1735, 2022.

CENTEVILLE, Valéria; ALMEIDA, Thiago de. Ciúme romântico e a sua relação com a violência. *Psicologia Revista*, v. 16, n. 1/2, p. 73-91, fev. 2007.

CHONG, Eddie; MAK, Winnie; KWONG, Mabel. Risk and protective factors of same-sex intimate partner violence in Hong Kong. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 28, n. 7, p. 1476-1497, 2013.

CHUEKE, Gabriel Vouga; LIMA, Manolita Correia. Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 11, n. 128, p. 63-69, 2011.

CONNELL, Robert *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONROY, Amy. Marital infidelity and intimate partner violence in rural Malawi: a dyadic investigation. *Archives of Sexual Behavior*, v. 43, n. 7, p.1303-1314, 2014.

DAMACENA, Felipe Carvalho et al. Ciúme romântico em indivíduos LGBT e heterossexuais cisgêneros. Congresso Nacional de Iniciação Científica. *Anais...* São Paulo: Semesp, 2018, p. 1-11.

DANTAS FILHO, Ronaldo Braga et al. Gênero e masculinidades na produção de violências. *PRISMA: Revista de Filosofia*, v. 5, n. 2, p. 110-124, 2023.

DE SANTIS, Joseph et al. The tangled branches (Las Ramas Enredadas): sexual risk, substance abuse, and intimate partner violence among hispanic men who have sex with men. *Journal of Transcultural Nursing*, v. 25, n. 1, p. 23-32, 2014.

DEEKE, Leila Platt et al. A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde e Sociedade*, v. 18, n. 2, p. 248-259, 2009.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 8, n. 11, p. 211-236, 2015.

FINNERAN, Catarina; STEPHENSON, Rob. Intimate partner violence, minority stress, and sexual risk-taking among U.S. men who have sex with men. *Journal of Homosexuality*, v. 61, n. 2, p. 288-306, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- GOLDENBERG, Tamar et al. "Struggling to be the alpha": sources of tension and intimate partner violence in same-sex relationships between men. *Culture, Health & Sexuality*, v. 18, n. 8, p. 875-889, 2016.
- GUADALUPE-DIAZ, Xavier; BARREDO, Juan. An exploration of predictors for perpetration of same-sex intimate partner violence in a Community sample of lesbians, gays and bisexual. *Sociation Today*, v. 11, n. 2, p. 12-26, 2013.
- HAACK, Karla Rafaela; FALCKE, Denise. Infidelid@de.com: infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. *Psicologia Revista*, v. 19, n. 2, p. 305-327, 2013.
- HINING, Ana Paula Silva; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. *Estudos Feministas*, v. 31, e101151, 2023.
- KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.
- LACERDA, Aline Cristina de; COSTA, Luciana Carla dos Santos. Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 10, n. 2, p. 80-89, 2014.
- LANE, Silvia; CODO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MEYER, Ilan. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychol Bull*, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003.
- NEWCOMB, Michael; MUSTANSKI, Brian. Developmental change in the effects of sexual partner and relationship characteristics on sexual risk behavior in young men who have sex with men. *AIDS and Behavior*, v. 20, n. 6, p. 1284-1294, 2016.
- OLIVEIRA, Madalena; SANI, Ana Isabel. A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, v. 6, p. 162-170, 2009.
- PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 23, n. 5, p. 874-879, 2015.
- PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. HIV and AIDS-related stigma and discrimination: a conceptual framework and implications for action. *Social Science & Medicine*, v. 57, n. 1, p. 13-24, 2003.
- PFEIFFER, Susan; WONG, Paul. Multidimensional jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 6, n. 2, p. 181-196, 1989.
- SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, v. 16, p. 115-136, 2001.
- SANTOS, Ana Maria; CARIDADE, Sônia Maria Martins. Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. *Temas em Psicologia*, v. 25, n. 3, p. 1341-1356, 2017.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, 2007.
- SILVA, Ailton Saturino da. *Perspectivas da infidelidade em casais homoafetivos: uma visão psicológica sobre as relações humanas*. 50f. Graduação em Psicologia pela Faculdade Anhanguera, Taboão da Serra, 2022.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de. Violência por parceiro íntimo entre homens que se relacionam com homens. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, p. 1-15, 2023.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de. *Violência nas relações homossexuais masculinas em Manaus*. Manaus: Editora UEA, 2022.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de; BEIRAS, Adriano. Violência por parceiro íntimo em relações homossexuais masculinas: um estudo qualitativo. *Mosaico: Revista Multidisciplinar de Humanidades*, v. 15, n. 1, p. 227-241, 2024.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de; BEIRAS, Adriano; SILVA, Iolete Ribeiro da. Homens que se relacionam com homens e o enfrentamento da violência na intimidade. *Revista Subjetividades*, v. 24, n. 1, p. 1-14, 2024.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de; HONORATO, Eduardo Jorge Sant'Anna. Violência nas relações homossexuais. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, n. 225, p. 230-246, 2020.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de; SILVA, Iolete Ribeiro da. *Relacionamentos abusivos: significados atribuídos por jovens acadêmicos da Universidade Federal do Amazonas*. Manaus: Editora UEA, 2022.
- SOUZA, Daniel Cerdeira de; SILVA, Iolete Ribeiro da; HONORATO, Eduardo Jorge Sant'Ana. Relacionamentos abusivos: significações atribuídas por jovens universitários de Manaus. *Última Década*, v. 30, n. 58, p. 226-256, 2022.
- STARK, Evan. *Coercive control: how men entrap women in personal life*. New York: Oxford University Press, 2007.

STEPHENSON, Rob et al. Intimate partner, familial and community violence among men who have sex with men in Namibia. *Culture, Health & Sexuality*, v. 16, n. 5, p. 473-487, 2014.

STILES-SHIELDS, Colleen; CARROLL, Richard. Same-sex domestic violence: prevalence, unique aspects, and clinical implications. *Journal of Sex & Marital Therapy*, v. 41, n. 6, p. 636-648, 2014.

STULTS, Christopher et al. Intimate partner violence and sex among young men who have sex with men. *Journal of Adolescent Health*, v. 58, n. 2, p. 215-222, 2016.

VASCONCELOS, Maria Amanda Lima de; PONTES, Ingrid de Oliveira; SILVA, José Wellington Parente. Violência sexual nas relações conjugais e a possibilidade de configurar-se crime de estupro marital. *Cadernos de Graduação*, v. 2, n. 3, p. 1-15, 2015.

WALSH, Aalison; SULLIVAN, Stephen; STEPHENSON, Rob. Intimate partner violence experiences during COVID-19 among male couples. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 37, n. 15-16, NP14166-NP14188, 2022.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WILLIAMS, Jhon et al. Relation of childhood sexual abuse, intimate partner violence, and depression to risk factors for HIV among black men who have sex with men in 6 US Cities. *American Journal of Public Health*, v. 105, n. 12, p. 2473-2481, 2015.

WOLFF, Tayná Campos. A luta por sororidade: união feminina e uma experiência militante na palhaçaria. *Arte da Cena (Art on Stage)*, v. 6, n. 1, p. 208-228, 2020.